

Museus, por definição, constituem espaços de ampla visibilidade pública, sua arquitetura destinando-se à exibição de objetos de valor científico, cultural e artístico, bem como à construção e difusão do conhecimento —embora, geralmente, não de toda e qualquer sorte de conhecimento. Ao longo da modernidade, desde suas origens na Europa do século 18, museus não apenas foram responsáveis por consolidar o cânone do Ocidente, mas sobretudo por forjar suas narrativas históricas totalizantes.

Mas e se, ao revés, decidíssemos pensar o museu desde a perspectiva da invisibilidade? Como um mecanismo não mais de display, mas de ocultamento da história, das dinâmicas institucionais, ou mesmo da própria criação artística? Em ***Felina***, projeto proposto por Andressa Cantergiani a partir do fechamento do MARGS para reformas, o museu converte-se num espaço opaco, desolado, refratário à esfera pública —às capas de impermeabilidade social decorrentes das obras estruturais no museu, e do *lockdown* imposto pela pandemia, a artista vai sobrepor ainda outras mais, derivadas dos discursos ideológicos e políticos historicamente construídos desde o interior de tais instituições.

Retroagindo no tempo à Rússia de Catarina, a Grande, e inspirando-se em sua população do Museu Hermitage por um bando de gatos —destinados a livrar as obras de arte da constante ameaça de roedores—, a artista vai desenvolver um projeto de ocupação insidiosa do MARGS desde seus interstícios, sejam eles físicos ou retóricos, estéticos ou burocráticos, da segurança ou do trabalho. Vale dizer, entretanto, vale dizer, não tratar-se aqui de fazer uma crítica específica ao museu ocupado, mas antes de investigar a natureza própria de tais instituições, indistintamente, num plano genealógico.

Cantergiani lança mão de uma estratégia "animista" ao disfarçar-se de felina para deambular pelas galerias, corredores, pontos cegos, escritórios e acervos do Museu, desvelando recintos, rotinas, coreografias públicas ou mesmo institucionais, ao passo em que revela padrões arquitetônicos e hierárquicos, juízos de valor simbólico e estético. Ao vestir a "pele" de um animal, a artista se e nos pergunta da ideia de totalidade investida num museu, e da produção de um conhecimento supostamente universal, embora produzido unilateralmente sob as bases epistemológicas do Ocidente e do *a priori* filosófico sujeito/objeto —ou, dito de outro modo, do apartamento entre cultura/natureza. Ao assumir a forma de um gato, a artista também está, alegoricamente, falando das muitas ausências antropológicas nessas instituições, em suas coleções e seus relatos, a saber: a das mulheres, dos negros, dos povos indígenas, e de tantas outras culturas subsumidas sob discursos unívocos propostos pela maioria dos museus ao redor do mundo, os quais via de regra ignoram cosmologias divergentes e desprezam a diversidade de narrativas e de memórias materiais ou simbólicas na esteira dos deletérios processos coloniais travados no curso da história. Por outro lado, este invasor, este *agent provocateur* no âmbito institucional, alude à ideia de uma pilhagem às avessas, qual seja, a de saquear o museu para restituir aos povos conquistados seus mais caros artefatos dos quais foram espoliados na esteira do imperialismo europeu.

